

Em duas frentes

União total para fazer frente ao protecionismo comercial e negociação caso a caso para a questão do endividamento. Ao que tudo indica, a reunião dos países devedores que se inicia hoje em Cartagena, Colômbia, está desenhada em duas frentes. Uma é a do comércio internacional e a outra é a do endividamento externo e, ao menos para a primeira, as autoridades econômicas brasileiras não temem a palavra “negociação conjunta” ou “ação coordenada”.

O Brasil será o **carro-chefe** na condução das discussões a nível de comércio e Cartagena — afirmou o chefe da Assessoria Internacional do Ministério da Fazenda, Tarcísio Marciano da Rocha — “colocará em pauta a tese da graduação, que é uma tese que está morta — para que se possa enterrá-la”. A tese de graduação delineada em meados de 1981 iguala o Brasil e outros países em desenvolvimento aos países ricos no âmbito do Gatt (Acordo Geral de Tarifas), colocando-os assim em igualdade a outros países com condições de vida mais avançadas, dificultando a sua obtenção de juros mais baixos junto às entidades oficiais de crédito.

“O Brasil quer ser tratado como a Bolívia no momento de receber crédito e apoio às suas exportações” afirmou Tarcísio ao declarar que “a reunião de Cartagena irá corroer a tese da graduação e irá pôr fim a uma igualdade que não existe”. Cartagena irá apontar mecanismos concretos para a solução do comércio internacional e neste ponto todos os países estarão unidos, todos querem exportar e cada vez mais, e disso não têm medo.

Cartagena quer sensibilizar os países devedores para que abram o seu espaço às importações dos países em desenvolvimento e para que “tracem as suas políticas internas de modo a não comprometer os países em desenvolvimento como o Brasil” — assinalou o ministro Ernane Galvêas, da Fazenda. Cautelosa, porém a área econômica prefere eleger a “continuidade” como a palavra-chave no desenrolar das ações dos países devedores.

A inédita reunião dos devedores “servirá para marcar posição até que haja uma conscientização maior por parte dos devedores” — acentuou Galvêas. Os ministros que representarão o Brasil em Cartagena preferem guardar segredo do que o Brasil levará de concreto para Cartagena. No fundo, ainda estão um pouco perplexos com o posicionamento recém-adotado e preferem esperar o desenrolar da reunião, pois “o que sairá no documento final, sairá em conjunto”. O Brasil não quer despontar com uma proposta isolada e o bom-senso dominará a reunião. O ministro Galvêas se desviou ao ser indagado se a posição brasileira seria mais próxima da do México ou da Argentina, e respondeu, “estaremos próximos de todos, a ideal de Cartagena será a de criarmos uma efetiva solidariedade continental”.